

A TRAGICIDADE DA DOR: RENÚNCIA, SOFRIMENTO, PERDA E MORTE EM A MALDIÇÃO DE TIBÉRIO

Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)
aristoteles@ifma.edu.br

Introdução

Este trabalho propõe-se a analisar em *A maldição de Tibério*, narrativa de Arturo Gouveia, as categorias da ação trágica e do sofrimento humano, tomando como fundamentos a *Poética*, de Aristóteles, e, **O mal-estar na cultura**, de Sigmund Freud, respectivamente. O presente estudo dividir-se-á em duas partes. Na primeira, teceremos comentários acerca do texto que escolhemos como *corpus* para análise, bem como, trataremos da ação, de acordo com Aristóteles, e do sofrimento, consoante Freud. Na segunda seção, faremos a verificação da configuração do trágico e do *pathos* no conto. Cumpre ressaltar que *A maldição de Tibério* desvela o móbil das relações intersubjetivas e institucionais: o dinheiro. Nesse texto, o protagonista, Bebé, para ter acesso à herança deixada pelo avô, do qual tinha ojeriza, deve cumprir vinte e três mandamentos. Tais imposições violam frontalmente as convicções do herdeiro. Por outro lado, a necessidade impõe a submissão de Bebé a esses caprichos. A tomada de decisão e os desdobramentos daí advindos constituem um quadro conflituoso e ambíguo, que culmina com a sua ruína e morte. A construção do personagem, o *pathos* e a maldição, que recaem sobre ele, consubstanciam a tragicidade da narrativa. Para uma abordagem da ação trágica, recorreremos a Aristóteles. O filósofo grego, ao tecer considerações sobre a tragédia, constata que a ação é a “alma” dessa forma dramática. Sendo assim, tal estudo é referência fundamental para a compreensão da tragicidade. A escolha de Freud, como aparato teórico, deve-se ao fato de em seu estudo abordar a inclinação humana para o sofrimento (que está plasmado na constituição do protagonista focado) na sua busca da felicidade plena.

1. Da narrativa

Estudar a ação trágica em um conto pode parecer *a priori* uma impropriedade. Não obstante isso, sabemos que o limite entre os gêneros é tênue e a pureza absoluta dos gêneros constitui-se um mito, conforme leciona Anatol Rosenfeld¹. Ademais, “teóricos” que refletiram sobre o conto marcam a diferença deste com o romance, vinculando aquele à tragédia, e este à epopeia, com base na extensão².

*A maldição de Tibério*³, publicado primeiramente em 2003, é um conto de Arturo Gouveia (autor paraibano, representante da poética do incômodo⁴) considerado

¹ ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

² Aristóteles, na *Poética*, preceitua que “Tem, [a tragédia], ainda o mérito de atingir o fim da imitação numa extensão menor, pois maior condensação agrada mais do que longa diluição; quero dizer, por exemplo, se o Édipo de Sófocles fosse passado para tantos versos quantos conta a *Ilíada*. Também é menos uma a imitação das epopeias (uma prova: de qualquer delas se extraem várias tragédias), de sorte que, se os autores a compõem sobre uma só fábula, esta se afigura, numa narrativa curta, mirrada; estirada para atingir extensão, aguada (...)”. (p. 52).

³ Há uma nova publicação dessa narrativa: GOUVEIA, Arturo. **O evangelho segundo Lúcifer**. João Pessoa: Idéia, 2007. p. 15-36.

atípico⁵, pois dentre outros aspectos exhibe números, lacunas, figuras, sonhos, parágrafos com uma linha, intertextos, aparentemente desprezíveis. Esses itens encorpam, na verdade, a multiplicidade de efeitos, bem como, corroboram a verossimilhança plasmada na narrativa, o que está em sintonia com a complexidade da situação do herói e a unidade fabular.

Inserido no livro intitulado **A arte do breve**, que traz textos provocativos, à medida que “brincam” com as definições da Teoria da Literatura e hiperbolizam o mal, o conto ora analisado narra os dilemas e o percurso descendente de Bebé, Tibério Cláudio Lívio Neto, um recém-desempregado, que já fora líder sindical, casado com Verônica, com quem tem um filho, Mateus.

A maldição de Tibério estrutura-se com alguns elementos da tragédia clássica. Isto posto, vejamos como Aristóteles concebe-a:

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções⁶.

A despeito das diferenças, tais como: linguagem exornada (ritmo, melodia e canto), atavio adequado (mescla de partes metrificadas e cantadas) e atores agindo, o conto arturiano tem em comum o tom sério, só que materializado por meio de uma forma prosaica, tipicamente burguesa e contemporânea, que aborda o cotidiano. A trajetória da degenerescência do protagonista Bebé pode provocar um efeito catártico, visto que o descompasso entre ação e resultado aciona os sentidos, a compaixão, conforme veremos no decorrer do estudo.

Aristóteles define ainda a tragédia como

imitação, não de pessoas, mas de uma ação, da vida, da felicidade, da desventura; a felicidade e a desventura estão na ação e a finalidade é uma ação, não uma qualidade. Segundo o caráter, as pessoas são tais ou tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário. Portanto, as personagens não agem para imitar os caracteres graças às ações. Assim, as ações e a fábula constituem a finalidade da tragédia, e, em tudo, a finalidade é o que mais importa⁷.

Do fragmento acima, percebemos a proeminência da ação. Ao lado dela, verificamos também a relevância da fábula (ou mito), que constitui o conjunto de acontecimentos. A ideia de caráter não se confunde com a de ação, no entanto, ambas encontram-se ligadas. Ou seja, o perfil do personagem – conjunto de atributos – só se depreende através de sua manifestação.

Sem a presença da ação inexistente tragédia⁸. A ação, que é o mais importante na tragédia (e, por extensão, na narrativa), exerce-se por personagens. Destarte, notamos que para penetrarmos nas malhas do trágico é preciso que atentemos para a configuração do herói.

⁴ ANDRADE, Abrahão Costa. *A literatura como incômodo*. In: _____. **Angústia da concisão**: ensaios de filosofia e crítica literária. São Paulo: Escrituras, 2003.

⁵ A atipicidade é respeitante à oposição ao cânon posto pelas teorias contísticas.

⁶ ARISTÓTELES, op. cit., p. 24.

⁷ Ibid., idem, p. 25.

⁸ ARISTÓTELES, op. cit., p. 25

O herói da tragédia, assim como o da epopeia, está em contato direto com o transcendente, possui uma linhagem nobre e um aspecto representativo. As duas espécies de herói estabelecem um elo com as divindades, sujeitando-se aos seus caprichos. Entretanto, o trágico difere pela maneira como se dá tal interligação.

A forma trágica erige-se num “subsolo problemático”⁹. A integração sujeito-divindade-mundo começa a cindir (o que não ocorre na épica). Novos valores interpenetram/questionam o universo mítico, quais sejam: os da cidade, da *pólis*. A dualidade do mundo reverbera na constituição do herói. Este passa a abarcar duas dimensões: o humano e o divino¹⁰. Esboça-se, neste *locus*, uma interioridade, até então suprimida no âmbito da epopeia.

É sobre a ação e o caráter de Bebé que, entendemos, materializam-se as feições trágicas. Notoriamente, estas assentam-se numa outra perspectiva. Afinal, estamos diante de uma forma concebida já na modernidade. O intercâmbio com os deuses foi rompido. A aproximação com a realidade social reflete na origem dos heróis (independentemente do gênero). Estas são pessoas comuns, sem poderes especiais, envoltos numa atmosfera conflituosa: choque de valores individuais, sociais, místico-religiosos. A ação define-se agora em função do exercício da vontade livre e consciente do herói. Ele responde, assim, por seus atos¹¹. A representatividade peculiar ao herói clássico é perdida.

A trajetória de Bebé é marcada pelo sofrimento e a proposta tentadora da herança consubstancia a tentativa de ruptura com a infelicidade, sob o prisma individual. Para Freud,

O sofrimento ameaça de três lados: a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, da relação com os outros seres humanos. O sofrimento que provém desta última fonte talvez seja sentido de maneira de modo mais doloroso que qualquer outro; tendemos a considerá-lo como um ingrediente de certo modo supérfluo, embora não seja menos fatalmente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes¹².

É interessante observar a partir das reflexões freudianas acima que a felicidade é fugaz; por outro lado, a dor é mais factível para o ser que vislumbra o bem-estar, mas não consegue escapar ao sofrimento. Este pode manifestar-se, especialmente, de modo tríplice: a própria materialidade – aspecto endógeno; o exógeno, através do mundo, da natureza; e o mais impactante respeita às relações intersubjetivas. O protagonista do conto padece das três formas, e principalmente da última. Sua vida sucumbe com o passar do tempo (o corpo envelhece). A doença do filho independe também da sua vontade. Inobstante a tais aspectos, ressalte-se que o terceiro ponto, revela a proeminência da responsabilidade de Bebé, ou seja, do indivíduo no exercício da

⁹ LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000. p. 32.

¹⁰ VERNANT, Jean-Pierre. *Tensões e ambigüidades na tragédia grega*. In: _____: VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

¹¹ AZEVEDO, op. cit. p. 36. A Professora anota nesse mesmo ensaio, com propriedade, a relativização das noções de liberdade e consciência.

¹² FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 63-64

sociabilidade. No contato com o outro, há um inescapável óbice à construção de certezas, posto que impera a obscuridade. O ser social não é tão determinável. No caso de Tibério Neto ocorre uma tensão profunda no âmbito familiar. Entretanto, em nome da felicidade ameaça romper com a ética. O avô parece compreender o conflito entre a satisfação e a necessidade.

2. Renúncia, sofrimento e morte em *A maldição de Tibério*

A decisão emanada de Bebé em favor da aceitação da herança e dos seus termos materializa a ambiguidade trágica, inobstante a filiação com a ótica moderna.

O protagonista da narrativa de Arturo Gouveia mergulha numa catábase interior ao se deparar com a proposta milionária de seu avô, chamado de Tibério Cláudio Papandrei, vulgo, o Velho, e as consequências da aceitação ou não dos termos.

Faz-se mister ressaltar que num primeiro instante, Bebé fica feliz ao saber da morte do avô, com o qual mantinha uma relação recíproca de ódio, potencializada pelas diferenças de postura.

Obcecado pelo número vinte e três, Papandrei lança um “desafio demoníaco” a seu neto, objetivando testar a sua pureza e resistência à corrupção. Para que o herdeiro bastardo obtenha os vinte e três milhões de dólares deixados em testamento, deve cumprir vinte e três condições, sequencialmente. Para cada mandamento realizado, um milhão de dólares, e, ao mesmo tempo, a negação da sua personalidade.

Como aceitar os termos do testamento sem ferir mortalmente a dignidade de um marxista? Como negar uma soma de dinheiro, capaz de mudar a sua vida e a da família, estigmatizadas pela escassez de recursos? E como ofertar um tratamento mais eficaz ante o sofrimento do filho, portador de hidrocefalia? As dívidas? E o desemprego? Tais indagações perpetram a interioridade do protagonista.

Bebé constitui-se como um herói “trágico”. Ele foi criado apenas pela mãe (ex-empregada doméstica de Papandrei), que “nunca se deixou cegar ao ponto de tolher a dignidade”¹³, ao rejeitar qualquer ajuda do pai (Tibério) ou do avô. De Dona Lívia, herda a nobreza ética. Como corolário dessa característica desenvolve a capacidade de lutar pela coletividade e enfrentar as adversidades.

Todavia, a “necessidade”, a iminência da miserabilidade, somadas aos dólares e à expectativa de uma vida nova, fazem com que o ex-sindicalista renegue o orgulho, a insubmissão, dando lugar à preocupação consigo próprio e os seus. A potência demoníaca sobrepõe-se à excelência. A desventura toma corpo. Doutra banda, a busca da controversa felicidade plena institui-se, sob o prisma individual, renegando as aspirações coletivas.

A ação de Bebé delinea-se a princípio pela refutação, que passa pela dúvida e chega, por fim, à aceitação. A superioridade por se considerar independente e não ser escravo do capital, afasta-o da herança de Papandrei. Em contraposição, a possibilidade de deter capital, o que também confere poder, estabelece uma ruptura definitiva no seu íntimo, que repercute na mudança de comportamento que desconhece os contornos da licitude¹⁴.

Para explicitar melhor o dito acima, ponderemos acerca dos seguintes fragmentos:

¹³ GOUVEIA, op. cit., p. 20.

¹⁴ Cf. AZEVEDO, op. cit., p. 40.

Nada intimidou Bebé. Ele estava exausto de análises sociais, protestos, averiguações da origem das coisas. Não ia sofrer a vida toda pelos outros, ia? Era algum herói? Era o culpado por aquele acúmulo de pobreza? Não era. Então entrou pelo corredor principal [do presídio do Carandiru] e foi intensamente vaiado pelos presos.

(...)

Armaram correntes de soldados para proteger o neto do Velho. E Bebé sentiu-se poderoso, honrado, passando em revista aquelas tropas nas mãos dele. Pela primeira vez deu um risozinho de escárnio, com o poder entre os dedos, e penetrou, tranqüilo, na cela 23¹⁵.

Passaram-se os minutos exigidos e os juízes suspenderam o ato. Tibéria ficou chorando, pois só com outro Papandreí, cada vez mais difícil no mundo, lhe daria outro instante igual. Bebé ainda olhava a camisinha, em todos os pontos, enquanto os jornalistas corriam. Correu para o banheiro improvisado, lavou-se com cuidados máximos, sentiu-se noutra mundo. Sentiu os pés em chão de palácios, os dedos entre talheres de prata, os lábios envenenados de comidas de elite. Viu Teteu num cavalinho de ouro, sorrindo na Disneylândia, abraçado por Mickey e pato Donald. Deitou-se com a mulher numa banheira de luxo, com torneiras digitais, de controle remoto, e mergulhou nas espumas de linhagens nobres. Iam desmascará-lo em todas as páginas, em todas as telas, mas era tudo passado. Importante era viver bem e ser feliz¹⁶.

O primeiro excerto está situado no momento anterior à execução do desafio número um¹⁷ do testamento de Papandreí. Corresponde justamente à entrada “gloriosa” de Bebé, que se envaidece com a recepção. O “todo poderoso” sente-se seguro com a presença da polícia.

Já o segundo trecho, diz respeito ao instante imediatamente posterior à transa com o travesti, Tibéria. Imbuído da sensação de dever cumprido, e sem nenhum pudor, Tibério tece as visões da glória e da felicidade, provenientes do dinheiro, mesmo que para tanto enfrente a exploração da mídia e seja tachado de incoerente. Neste passo, vale contrapor a negatividade com que Bebé vê a herança: “é outra sacanagem!”¹⁸; “De que é que o Velho queria gozar em seu confortável túmulo? Queria levar às últimas consequências a humilhação sobre o neto bastardo?”¹⁹.

Dos laços consanguíneos recebe a *hybris*, isto é, o descomedimento, a desmedida. O neto do Velho revoga os princípios da sua condição anterior, o passado honrado é suplantado. Ele transita entre polos diametralmente opostos. É só confrontar tal fato com os impropérios que atribui ao avô, anteriormente²⁰.

No percurso citado, visualizamos o erro – *hamartía* – que obscurece a sua percepção da realidade, fomentado pela *hybris*. Apesar dos sonhos, delírios convulsivos, das advertências recebidas no Bar da Poesia e da vidente, Tibério Neto não vislumbra os avisos de que estaria caindo nas armadilhas do destino.

¹⁵ GOUVEIA, op. cit., p. 28.

¹⁶ Ibid., p.31.

¹⁷ Ibid., p. 18: “a) Transar com um travesti aidético, chamado Tibéria, preso na cela 23 do Carandiru. A transa tem que durar vinte e três minutos, ao longo da qual o ativo faz carinhos no passivo e lhe recita o Cântico dos Cânticos, 2:3” Note-se a mania com o número vinte e três.

¹⁸ Ibid., p. 12.

¹⁹ Ibid., p. 15.

²⁰ Ibid., idem: “Aquele indigno, impune, inimigo da humanidade, impuro, imbecilizado, inumano, inerte, inativo, ineficiente, impotente, inapreciável, impáfio, idiota, idólatra do dinheiro, ídolo de porcos semelhantes, inatencioso, intocável pela justiça, implacável destruidor do mundo, inutilizador dos bens e dos povos, ilícito, ímpio, ínvio, inquisidor?”

O herói arturiano sofre “um recuo místico, supersticioso, como se fosse morrer no dia seguinte”²¹, embora “marxista de formação”. Este fantasma não é uma contingência, especialmente com a grave doença que atinge o filho: “Era dor aguda, que o talhava por dentro, arrancava-lhe súplicas de um pecador implume, pagando não sabe que maldição.”²²

Tal sofrimento, uma espécie de expiação, mostra-se patente e (até certo ponto) explicável quando decodificamos a mensagem atribuída a um papa, que vem à tona no decorrer da enumeração dos desafios para a conquista da herança:

33. “Tibério matou o mais belo homem dos homens. Sua maldição, até hoje, impregna a condição humana. Só sairemos dessa pré-história com a superação da hostilidade”. (João XXIII)

Realçamos, de imediato, o início do parágrafo²³ pelo número 33, que alude diretamente à idade de Jesus Cristo e também à de Bebé²⁴. Outro dado relevante pertine ao nome Tibério, que remete a um imperador romano, filho adotivo e sucessor de Augusto. Foi durante o seu governo que Cristo foi morto²⁵. Para completar a “decifração” do enigma, o papa que indica a maldição²⁶ tem em seu nome o número que perpassa toda a narrativa, escrito com algarismos romanos, qual seja: vinte e três²⁷. A junção desses símbolos engendra uma explicação para a desgraça de Bebé (pobreza, doença do filho, desemprego, morte), como se fosse uma *até*, “uma maldição que se perpetua através dos erros dos antepassados”²⁸.

As cenas finais culminam com a morte de Tibério Neto. A sua prefiguração ocorre em várias circunstâncias do enredo, mas o protagonista não consegue captar as mensagens.

A título de ilustração, evocamos aqui o “oráculo”²⁹ de Mãe Tânata³⁰. Antes de adentrarmos na leitura acerca do futuro de Tibério, achamos plausível a significação do nome Tânata. Este termo guarda estreitos laços com Tânatos, divindade grega, que simboliza a morte. Outra simbologia atribuída a essa deidade refere-se à transformação profunda que experimenta o homem pelo efeito dos ritos iniciáticos: “O profano deve morrer, a fim de renascer para uma vida superior que lhe confere a iniciação. Se não se morre para o estado de imperfeição, não há como progredir na iniciação”³¹.

Partindo dessas concepções, compreendemos que Bebé ao avizinhar-se da morte, mesmo sem notar, passa – quando da resposta afirmativa às condições impostas

²¹ Ibid., idem. Bebé recebe os juízes, que trazem a notícia da herança, em casa no dia 1º de outubro de 1992.

²² Ibid., p. 19.

²³ O primeiro parágrafo da narrativa apresenta o número catorze no seu início.

²⁴ Ele completa justamente 33 anos no dia 02 de outubro de 1992, data do primeiro desafio. Coincidentemente é a idade em que Jesus passa pela paixão e morte na cruz.

²⁵ Vide VAN DEN BORN, A. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

²⁶ O próprio título do conto já dá pistas quanto à tônica trágica da história de Tibério Neto.

²⁷ Interessante notar que o próprio nome de Bebé – Tibério Cláudio Neto – contém vinte e três letras.

²⁸ AZEVEDO, op. cit., p. 41. Nessa mesma página, a autora faz uma observação que cabe também para o conto em questão.

²⁹ Intertextualidade com **Édipo-Rei**, de Sófocles, e *A cartomante*, de Machado de Assis.

³⁰ GOUVEIA, op. cit., p. 35-36.

³¹ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. v. 1. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 227.

no testamento de Papandrei³² – por uma iniciação às avessas, haja vista a profanação da sua integridade.

Retomando a consulta de Neto com a velha sábia, esta se espanta com a aura negativa que o cliente carrega. Ela lhe fala que coincidentemente sonhara com um rapaz semelhante a ele, que vestia roupa de prisioneiro, listrada, com umas letras de identificação que ela não lembrava. Depois, a cartomante rememora e as indica: CXI³³. Mãe Tânata não consegue decifrar o significado de tal inscrição, apenas afirma com segurança a Tibério, que se frustra com a previsão: “– Os anjos me dizem que você está no meio.”³⁴

Bebé recupera o teor de sua conversa com a velha, quando se encontra na qualidade de refém dos presos rebelados do Carandiru. A preocupação maior dele é com o cheque de um milhão de dólares que portava, pois teme que os rebeldes descubram-no. “Bebé só teve uma esperança: a redentora polícia.”³⁵

Conclusão

O autor da *Poética* classifica as fábulas em: simples (quando se dá a mudança de fortunas sem se verificarem peripécias e reconhecimentos); e, complexas (quando da ação resulta mudança de fortuna, seja com reconhecimento, seja com peripécia, seja com ambas as coisas)³⁶.

Para Aristóteles, a peripécia é “uma viravolta das ações em sentido contrário”³⁷. Já o reconhecimento, “como a palavra mesma indica, é a mudança do desconhecimento ao conhecimento, ou à amizade, ou ao ódio, das pessoas marcadas para a ventura ou desdita”³⁸. Além dessas duas partes da fábula, o Estagirita aponta outra: o patético, que “consiste numa ação que produz destruição ou sofrimento, como mortes em cena, dores cruciantes, ferimentos e ocorrências desse gênero.”³⁹

Aplicando os conceitos supramencionados em *A maldição de Tibério*, guardando as devidas diferenças, verificamos que a ação aí esculpida é complexa, pois, Bébé, entendendo que a invasão da polícia é a sua salvação, precipita-se pelo corredor da morte⁴⁰. A inversão da situação (peripécia) coincide no conto com um falso reconhecimento (polícia salvadora), ao mesmo tempo em que se dá o patético (fuzilamento dos presos e do próprio herói)⁴¹:

³² Vale destacar que Papandrei constitui-se de Papa = aquele que devora + Andrei = homem, em grego. Ou seja, literalmente significa “o que devora o homem”.

³³ Observar que CXI corresponde em numerais cardinais a cento e onze.

³⁴ GOUVEIA, op. cit., p. 36.

³⁵ GOUVEIA, op. cit., p. 36.

³⁶ ARISTÓTELES, op. cit., p. 30.

³⁷ Ibid., idem.

³⁸ Ibid., idem.

³⁹ Ibid., p. 31.

⁴⁰ Depois de um ataque de epilepsia, Bébé, em sonho, imagina estar preso no Carandiru com mais vinte e dois ladrões e assassinos: “Todos se preparavam para promiscuir o corpo dele, quando, de repente, entra um homem gigantesco, com vinte e três botões no paletó. Os presos pedem clemência ao fuzilador, ajoelham-se, humilham-se, menos Bébé, que não aceita subserviência. Na roupa do gigante, os botões transformam-se em canos pesados. Os presos beijam o chão, com resíduos de sífilis e blenorragia, cacos de baratas e ninhos de tapurus, mas Bébé se ergue e afronta e enfrenta o carrasco. É atingido pelos canos, perfurado em Z no corpo e jorra sangue por vinte e três buracos (...). Cf. GOUVEIA, op. cit., p.23. É clara nesta passagem, a prolepse da morte de Bébé. Porém, este não enfrenta o gigante (Estado, representado pelo aparelho repressor), antes de ser fuzilado, posto que caminha como um inocente.

⁴¹ Ibid., p. 37.

(...) Bebé, seguro de sua inocência, caminhou feliz. Serrou os panos numa quina, desamarrou-se pegou no milagroso cheque. Estava livre para sempre!
Ia iniciar longa viagem!
E foi atingido por uma cusparada de tiros!
(...)

37. Tibério Cláudio Lívio Neto morreu no Hospital das Clínicas, uma hora antes da meia-noite (...). Segundo o laudo médico, foi execução sumária. Na lista da imprensa, foi o vigésimo terceiro identificado.

++++
++++
++++

Por ironia, a polícia, tida como redenção, é o algoz que leva Bebé à morte, em meio a cento e dez criminosos⁴², o que o coloca num patamar de similitude com eles. Vale lembrar que também Cristo foi crucificado entre bandidos⁴³.

Segundo Freud:

Um outro fato do âmbito da ética, tão rico em problemas, é o do infortúnio, ou seja, uma frustração exterior, estimular com tamanha intensidade o poder da consciência moral no supereu. Enquanto as coisas vão bem para o indivíduo, a sua consciência moral é branda e permite ao eu fazer de tudo; quando uma desgraça o atinge, ele faz um exame de sua conduta, reconhece sua pecaminosidade, eleva as exigências de sua consciência moral, impõe-se abstinências e se pune com penitências⁴⁴.

Tibério Neto, um “inocente”, foi vítima (*pharmakós*) de si, do seu destino e da maldição do número vinte e três (“vigésimo terceiro corpo identificado”) ⁴⁵. A incapacidade de perceber o seu destino guarda vínculo com o rompimento dos limites da moralidade, somando-se a ausência de sorte: o ganho financeiro advindo com o cumprimento do mandamento foi ofuscado pela ação policial que redundou na morte dos prisioneiros e na do próprio Bebé. A felicidade individual conquistada é efêmera, o que afasta a capacidade autocrítica do personagem e ausência de limites, que renega a consciência. A privação de bens constituía-se para este como a abstinência de prazer, ou seja, da supressão do impulso da vida. A quebra pelo prazer e agressividade, em nome da necessidade, encaminha-o a sofrer a punição social: a execução sumária. Ademais, não gozar dos benefícios do dinheiro conquistado plasma o instante prévio do infortúnio. A infelicidade revela-se intrínseca à constituição desse ser fissurado e uma realidade inescapável.

⁴² Os mortos são simbolizados pelas cruzes que encerram a narrativa. Vale lembrar que (CXI=111), incluindo Tibério Neto, também é o número de operários despedidos pela montadora no início do conto. É o número que aparece na visão de Mãe Tânata e no sonho do próprio protagonista.

⁴³ Ver a mensagem do Papa João XXIII.

⁴⁴ FREUD, p. 149.

⁴⁵ Obsessão de Papandreí, que é o estigma que persegue Tibério Neto. Cumpre salientar que o último parágrafo começa pelo número 37. Subtraindo esse número de 14 (primeiro parágrafo), temos como resultado, 23.

Referências

- ANDRADE, Abrahão Costa. *A literatura como incômodo*. In: _____. **Angústia da concisão**: ensaios de filosofia e crítica literária. São Paulo: Escrituras, 2003.
- ARISTÓTELES. *Poética*. In: _____, HORÁCIO & LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- AZEVEDO, Sandra Amélia Luna Cirne de. *Blanche Du Bois: culpada ou inocente? Ação e caráter em um bonde chamado desejo*. **Letra Viva**, João Pessoa, v. 1, nº 1, 1999, p. 34-51.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. v. 1. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GOUVEIA, Arturo. *A maldição de Tibério*. In: _____. **A arte do breve**. João Pessoa: Manufatura, 2003.
- _____. **O evangelho segundo Lúcifer**. João Pessoa: Idéia, 2007.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas cidades; 34, 2000.
- LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica**: o legado grego. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 24.
- ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- VAN DEN BORN, A. **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Tensões e ambigüidades na tragédia grega*. In: _____;
- VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2002.